

FLÁVIA APARECIDA ABREU DE PAULA MELO



**O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
EXPERIENCIANDO COM A NATUREZA**

Belo Horizonte  
2015

FLÁVIA APARECIDA ABREU DE PAULA MELO

**O ENSINO DAS ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
EXPERIENCIANDO COM A NATUREZA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título em Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Fabiana De Lucca Munaier

BELO HORIZONTE  
2015

MELO, Flávia Aparecida Abreu de Paula, 1974.

O ensino de Artes Visuais na Educação Infantil: Experienciando com a natureza / Flávia Aparecida Abreu de Paula Melo – 2015. 47f.

Orientador(a): Fabiana De Lucca Munaier

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Munaier, Fabiana De Lucca. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. O ensino de Artes Visuais na Educação Infantil: Experienciando com a natureza.

CDD: 707

FLÁVIA APARECIDA ABREU DE PAULA MELO

O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
EXPERIENCIANDO COM A NATUREZA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título em Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Fabiana De Lucca Munaier

---

Fabiana De Lucca Munaier – EBA/UFMG

---

Thatiane Mendes – EBA/UFMG

BELO HORIZONTE  
2015

Dedico este trabalho ao meu marido, à minha  
filha, e especialmente às crianças com quem  
trabalho que são minha fonte de inspiração.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que é minha maior fonte de fé, energia e determinação.

Aos tutores presenciais e a distância pelo incentivo e dedicação durante todo o curso.

A orientadora Fabiana De Lucca Munaier, por tornar a execução deste trabalho mais prazerosa.

Aos idealizadores, coordenadores e funcionários do Curso de Especialização de Ensino em Artes Visuais, da Escola de Belas Artes na Universidade Federal de Minas Gerais.

Aos colegas de classe pela alegria na troca de experiências e demonstração de amizade e solidariedade e especialmente ao Fábio que se tornou meu grande amigo o qual admiro demais.

Aos meus amigos Júlio e Miriam, companheiros de trabalho e amigos para todos os momentos.

Aos demais amigos que fazem parte do meu cotidiano, que mesmo indiretamente me deram força e incentivo para continuar.

Ao meu marido Marco Antônio e minha filha Sofia, pelo apoio e compreensão nos momentos que estive ausente por dedicar aos estudos.

*“A arte não entra na criança, sai dela”.*

*Arno Stern*

## RESUMO

Pensando na arte como linguagem universal e uma das mais antigas do mundo, além de ser uma disciplina obrigatória em diversos níveis da educação, a proposta desta pesquisa é abordar o ensino de Artes Visuais na educação infantil e propor o projeto: Experienciando com a natureza. O trabalho propõe uma revisão bibliográfica baseada principalmente na autora Edith Derdyk que faz uma pesquisa sobre o desenho da criança, da Anna Marie Holm que diz que é simples transformar as crianças em adultos mais criativos e do autor e pedagogo Jorge Larrosa Bondía que faz um relato sobre as experiências que devemos viver e proporcionar às crianças; a partir dessas pesquisas bibliográficas foi proposta uma pesquisa de campo no Centro Municipal de Educação Infantil Marisa Galuppo, na cidade de Sete Lagoas, onde as crianças de dois a três anos de idade participaram de várias experiências primárias inspiradas na obras do artista Andy Goldsworthy, que utiliza materiais encontrados na natureza para suas obras. Todas atividades foram registradas em fotografias e expostas no ambiente escolar, e conseqüentemente apresentada aos educadores infantis da rede municipal de ensino.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais. Educação Infantil. Desenho. Experiência.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Colocando a tinta feita de terra na mão da criança. ....	31
FIGURA 2 – Criança sentindo a textura e a temperatura da tinta.....	32
FIGURA 3 – Criança carimbando folha com as mãos. ....	32
FIGURA 4 – Crianças fazendo pinturas com sopro. ....	33
FIGURA 5 – Criança fazendo pintura com sopro. ....	33
FIGURA 6 – Criança desenhando no muro com torrão de terra. ....	34
FIGURA 7 – Crianças observando montagem do material para desenhar. ....	34
FIGURA 8 – Criança desenhando com torrão de terra.....	35
FIGURA 9 – Crianças coletando elementos da natureza.. ....	36
FIGURA 10 – Crianças fazendo modelagem com argila .....	36
FIGURA 11 – Criança modelando com argila.....	37
FIGURA 12 – Criança modelando com argila e galho.....	37
FIGURA 13 – Criança desenhando em sua volta com jatos d'água.. ....	38
FIGURA 14 – Crianças desenhando com jatos d'água.. ....	39
FIGURA 15 – Crianças montando sua colagem .....	39
FIGURA 16 – Criança passando cola em folha.....	40
FIGURA 17 – Crianças fazendo colagem com folhas.....	40
FIGURA 18 – Crianças observando besouro fazendo marcas em folha.....	41
FIGURA 19 – Besouro e seu rastro de tinta.. ....	42
FIGURA 20 – Besouro deixando suas marcas em folha... ..	42
FIGURA 21 – Exposição das experiências.....	43

## SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....	09
Introdução.....	11
1. As Artes Visuais na Educação Infantil .....	13
1.1 – O Desenho .....	16
2. A importância do relacionamento entre professor e aluno.....	20
3. A experiência segundo Jorge Larrosa Bondía.....	26
3.1 – Experiência no Cemei Marisa Galuppo .....	30
Considerações Finais.....	44
REFERÊNCIAS .....	45
ANEXOS .....	46

## **Introdução**

A arte é uma das formas de linguagens que acompanha o homem desde os primeiros relatos de sua existência. Os fatos históricos revelam que a arte é universal e está entre as linguagens mais antigas do mundo, por isso é importante na escola e fora dela também. Portanto, uma das fontes de expressão das crianças na educação infantil que ainda não dominam a escrita é a arte.

Assim, esta pesquisa pretende investigar o ensino de Artes Visuais na educação infantil sob a perspectiva do desenho e as experiências que podemos obter a partir dessa disciplina que ainda é abordada como passatempo por várias instituições e profissionais da área.

O trabalho se justifica a partir do pressuposto de que as Artes Visuais são essenciais na educação infantil, pois o conhecimento da imagem conduz ao desenvolvimento cognitivo, emocional e perceptivo da criança, tendo a possibilidade de formar um ser criativo e dotado de capacidades para socialização.

O principal objetivo desta pesquisa é viver e propor experiências primárias às crianças a partir da abordagem triangular que se dá por meio da articulação do fazer, da apreciação e da reflexão.

O embasamento teórico utilizado neste trabalho foi o olhar sobre o desenho, segundo Edith Derdyk, e a experiência sob a perspectiva de Anna Marie Holm e Jorge Larrosa Bondía.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica através da consulta em artigos e livros. Em seguida foi realizada uma pesquisa de campo através de experiências inspiradas nas obras do artista Andy Goldsworthy, do qual resultaram registros fotográficos das atividades e das experiências vividas no Centro Municipal de Educação Infantil Marisa Galuppo, com crianças de dois a três anos de idade.

O primeiro capítulo trata do ensino de Artes Visuais na educação infantil conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais da Arte, Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil e se embasa também em outros

autores que abordam esse tema. Também neste capítulo é feita uma breve discussão sobre o Desenho, a criatividade e as experiências primárias com as crianças.

O segundo capítulo abordou a importância do relacionamento entre o professor e o aluno.

O terceiro capítulo trata do conceito de experiência, sob o olhar do autor Jorge Larrosa Bondía. Além disso apresenta a pesquisa de campo, uma experiência vivenciada com as crianças do Cemei Marisa Galuppo, com registros fotográficos.

Por fim, conclui-se que, pode ser mais simples do que se imagina proporcionar às crianças experiências significativas com materiais presentes em seu cotidiano.

Em seguida o trabalho disponibiliza as referências e os anexos utilizados no decorrer da pesquisa.

## 1. As Artes Visuais na Educação Infantil

O homem expressa sua necessidade ao deixar marcas em forma de arte, no seu modo de ver o mundo, demonstrando, por meio dela, o lugar da expressão artística como fator essencial para o desenvolvimento humano. Aliás, a arte é uma das formas de criação de linguagens que acompanha o homem desde os primeiros relatos de sua existência.

Mesmo antes da aquisição da escrita os homens da caverna já expressavam nas paredes, através de desenhos e símbolos. Eles representavam o seu conhecimento de mundo, utilizando cores, movimentos e texturas com a intenção de comunicar-se. Junior (2007, p. 6) afirma que “uma cultura não é estática, mas sim dinâmica e mutável, influenciando e sendo influenciada por outras”. O autor ainda salienta que “a arte, ao decorrer dos anos, se manifesta de modos e finalidades variadas, podendo ser observada em diversas formas e manifestações em locais distintos como a Grécia, a Índia, o Egito, entre outros”. Portanto, os fatos históricos revela que a arte é universal e está entre as linguagens mais antigas do mundo. Em consequência disso a sociedade evoluiu sempre amparada por sujeitos capacitados e sensíveis à arte.

Em função da presença inata da arte na vida humana, é importante indicar que a instituição escolar propicie nos anos iniciais da educação formal, o contato dos alunos com a arte, com seus fatos históricos, sociais e culturais, contribuindo dessa maneira para uma aprendizagem e formação de qualidade. Martins estabelece essa conexão ao colocar que “A arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela” (MARTINS, 1998, p.13). Portanto, como forma de expressão e comunicação humana, a Arte tem um papel fundamental que envolve os aspectos cognitivos, sensíveis e culturais, justificando a sua presença na vida escolar, inclusive na educação infantil.

Considerando esses aspectos, a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394), aprovada em 20 de dezembro de 1996, estabelece em seu artigo 26, parágrafo 2º que “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica,

de forma a promover o desenvolvimento cultural do alunos” (BRASIL, 1996, P.11). Assim, a partir dessa legislação, foi garantido espaço à educação infantil o ensino da arte.

Uma das fontes de expressão das crianças da educação infantil que ainda não dominam a escrita é a arte. Independente da sua inserção cultural, elas se expressam através de traços comuns. A inclusão da disciplina de Arte Visuais no currículo como área com conteúdos próprios possibilitou às crianças se expressarem, comunicar ideias e atribuir sentido ao mundo, às sensações, aos pensamentos, além de transformar a realidade por meio da linguagem visual e plástica.

Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil - RCNEI, as Artes Visuais manifestam-se por diferentes modalidades: desenho, ilustração, gravura, pintura, bordado, escultura, construção, instalação, fotografia, cinema, televisão, computação gráfica, etc. Cada um desses aspectos é concretizado através da organização de linhas, formas, pontos bidimensionais e tridimensionais, além de volume, espaço, cor e luz, integrando aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos, estéticos e comunicativos na perspectiva de compartilhar significados, reforçando as Artes Visuais ainda mais fundamentais para a formação humana. O próprio documento enfatiza que:

As Artes Visuais estão presentes no cotidiano da vida infantil. Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia, e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar os objetos e até mesmo seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das Artes Visuais para expressar experiências sensíveis. (BRASIL, 1998, p.85)

Acompanhando esse raciocínio, entende-se que o ensino de Artes Visuais é essencial na educação infantil, pois o conhecimento da imagem conduz ao desenvolvimento cognitivo, emocional e perceptivo da criança. Assim, o professor enquanto mediador desse processo deve por sua vez, incentivá-la em suas criações, valorizando suas diferentes formas de expressar e comunicar com o meio. Para Eisner:

[...] há quatro coisas principais que as pessoas fazem com a arte. Elas a fazem. Elas a veem. Elas entendem o lugar da arte na cultura, através dos tempos. Elas fazem julgamentos sobre

suas qualidades. Além disso, as artes envolvem aspectos estéticos que estão relacionados à educação da visão, ao saboreio da imagem, à leitura do mundo em termos de cores, formas e espaço; e propiciam ao sujeito construir a sua interpretação do mundo, pensar sobre as artes e por meio das artes. (EISNER, 2008, p.85).

Nesse sentido, a criança também deve ser inserida como sujeito que constrói e interpreta o mundo. Portanto, o ensino de Artes Visuais na educação infantil tem a possibilidade de formar um ser criativo e reflexivo, que institui a criança como um ser ativo e dotado de capacidades para socialização. As Artes Visuais a instiga ao diálogo com o mundo e leva à reflexão sobre a subjetividade individual. Dessa forma, institui possibilidades também de ensinar a criança a valorizar o trabalho do outro respeitando a diversidade cultural em que está inserida.

Consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, que a educação em Artes Visuais requer trabalho continuamente informado sobre os conteúdos e experiências relacionados aos materiais, às técnicas e às formas visuais de diversos momentos da história, inclusive contemporâneos. Para tanto, a escola deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e grupal. A educação visual deve considerar a complexidade de uma proposta educacional que leve em conta as possibilidades e os modos de os alunos transformarem seus conhecimentos em arte, ou seja, o modo como aprendem, criam e se desenvolvem na área. (BRASIL, 1997, p.45).

No RCNEI institui que as Artes Visuais devem ser concebidas como uma linguagem que tem estrutura e características próprias, cuja aprendizagem, no âmbito prático e reflexivo se dá por meio da articulação do fazer artístico, da apreciação e da reflexão. Onde o fazer concentra-se na exploração, expressão e comunicação de produção de trabalhos de arte por meio de práticas artísticas, propiciando o desenvolvimento de um percurso de criação pessoal; a apreciação surge com a percepção do sentido que o objeto propõe, articulando-o tanto aos elementos da linguagem visual quanto aos materiais e suportes utilizados, visando desenvolver, por meio da observação e da fruição, a capacidade de

construção de sentido, reconhecimento, análise e identificação de obras de arte e de seus produtores; a reflexão que é considerado tanto no fazer artístico como na apreciação, é um pensar sobre todos os conteúdos do objeto artístico que se manifesta em sala, compartilhando perguntas e afirmações que a criança realiza instigada pelo professor e no contato com suas próprias produções e as dos artistas (BRASIL, 1998, p.89).

Para Barbosa (1991, p.28) “a arte deve ser uma fonte de alegria e prazer para a criança quando permite que a organizem seus pensamentos e sentimentos presentes em suas atividades criadoras”. Desse modo, as Artes Visuais exercem influência sobre o desenvolvimento da personalidade infantil e por isso a atividade artística deve ser estimulada por meio dos sentidos da imaginação e de atividades lúdicas que ampliem as possibilidades cognitivas, afetivas, sociais e criadoras da criança. A autora ainda comenta que:

Arte não é apenas básica, mais fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite, arte é cognição, é profissão e é uma forma diferente da palavra interpretar o mundo, a realidade o imaginário e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano (BARBOSA, 1991, p.4).

Diante desse ponto de vista, é extremamente imprescindível que o educador apresente obras de arte de diferentes artistas e movimentos da história das Artes Visuais, mas sempre com o cuidado de dar liberdade para a criança expressar e fazer a sua própria interpretação e criação. Valorizar as produções infantis é estimar o ser humano em seu desenvolvimento.

### **1.1 O Desenho**

Muitas vezes a escola prioriza a escrita em vez do desenho. É habitual que este ainda seja considerado como preparação para a escrita e nada mais. Portanto, para analisar e inferir o desenho infantil é necessário que o docente conheça a sua produção, linguagem e expressão. No ato de desenhar a criança fala sobre si e o ambiente em que vive, no qual está conhecendo e descobrindo diariamente.



Segundo Edith Derdyk (2010, p. 48) “O desenho manifesta uma necessidade vital da criança, agindo sobre o universo que a cerca, comunicando e promovendo intercâmbio”. O grafismo infantil é um processo não linear, sendo formado por avanços e recuos. Com o desenho, a criança registra sua marca no papel ou qualquer superfície e, desta maneira, uma história é contada advinda de uma metodologia intensa de transformações, onde a cognitividade e a emoção, são fatores ligados a esse processo. A autora afirma que “ao desenhar a criança canta, dança, conta história, teatraliza, imagina ou até silencia.” Desse modo o desenho estimula outras manifestações. (DERDYK, 2010, p. 23)

Enquanto a criança desenha ou cria objetos brinca de faz de conta e experimenta sua capacidade imaginativa, ela amplia a forma de ver o mundo no qual está inserida, como avigora Derdyk:

A criança desenha, entre outras tantas coisas, para divertir-se. É um jogo em que não existem companheiros, a criança é dona das suas próprias regras. Nesse jogo solitário, ela vai aprender a estar só, “aprender a ser só”. O desenho é o palco de suas encenações, a construção de seu universo particular. (DERDYK, 2010, p. 48)

A mesma autora ainda complementa que:

O desenho manifesta o desejo de representação, mas também, antes de mais nada, é medo, é opressão, é alegria, é curiosidade, é afirmação, é negação. Ao desenhar, a criança passa por um intenso processo vivencial e existencial (DERDYK, 2010, p. 49)

Em um dado momento a criança nota que tudo que está depositado no papel partiu dela. Não lhe foi dado, foi inventado por ela mesma. Nessa etapa, consagra-se o terreno da criação.

A observação crítica de fatos históricos segundo Edith Derdyk (2010, p. 100-101) revela que o começo da alfabetização corresponde a um empobrecimento da expressão gráfica, onde os sistemas educacionais, por força das circunstâncias, estão mais voltados para a educação técnica e profissionalizante e não contam com nenhum respaldo que dê garantias para a continuidade da experimentação gráfica, levando-nos a refletir sobre o funcionamento de nosso sistema educacional. Ela diz que “O ato de desenhar impulsiona outras manifestações, que acontecem juntas, numa

unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal imaginário.” (DERDYK, 2010, p.23)

Anna Marie Holm (2005, p.9) afirma que “se dermos às crianças a mesma liberdade no processo artístico que lhe damos em suas brincadeiras, as crianças chegarão à excelência no aprimoramento do processo criativo.” Holm ressalta ainda que as crianças deveriam aprender a pesquisar, a ter confiança em si mesma, e a ter coragem de se pôr a trabalhar em coisas novas. Elas não deveriam ser preparadas para um tipo determinado de vida; deveriam sim, receber ilimitadas oportunidades de crescimento. Aprendendo que uma tarefa pode ter várias soluções, adquirimos força e coragem, e isso é adquirido no aprendizado do ofício da arte. Ela ainda ressalta que uma tarefa artística realmente boa é fazer com que os seus alunos pensem o oposto, de maneira totalmente diferente.

Para Holm (2005, p.158) cada criança tem seu próprio caminho no mundo da criação artística, a experiência pertence a cada indivíduo, sua diferença é sua força. “Nós somos muito mais criativos do que pensamos que somos.” Segundo ela, “basta dar tinta, pincel, lápis e deixa-la se expressar, mas nada de ficar analisando rabiscos infantis! O que menos importa é o resultado.” O que vale, na opinião dela, é a oportunidade das crianças conhecerem as cores, nuances e texturas do mundo e interagir com o ambiente ao seu redor. Para ela é muito simples fazer com que as crianças se tornem mais criativas quando forem adultos.

Sobre o ensino de Artes Visuais na educação infantil, existe uma grande desarmonia entre as teorias disponíveis e a prática pedagógica diária, pois para a maioria dos professores as Artes Visuais são usadas como passatempos, distração e atividades totalmente destituídas de significados. As crianças recebem atividades limitadas e são avaliadas de uma forma inadequada, onde o certo e o errado, o fora e o dentro são os principais pontos a serem julgados. A criatividade, o fazer, a liberdade de criação e experimentação são deixados de lado. Nota-se que, conforme citado pelos autores em discursão, que a intenção pedagógica e a postura do professor

cumprem papel importante nas formas como as crianças vão expressar por meio das Artes Visuais.

## **2. A importância do relacionamento entre professor e aluno**

O principal processo que define nossa humanidade é o educar, o ser humano passa do seu estado biológico, indo além dos instintos, onde compreende, reelabora, reflete, cria, recria, critica, aprende, ensina, e seu inacabamento o orienta para a busca de compreensão e transformação da realidade. A arte é produto íntimo da formação humana.

O desconhecimento da arte como linguagem e objeto de conhecimento, a não atribuição da importância do papel da arte na vida das crianças, faz muitas vezes com que o professor tenha uma postura de desconsideração e descrença em relação às possibilidades dos trabalhos desenvolvidos pelas crianças. “Se o professor não possuir uma vivência prática e efetiva das linguagens expressivas, facilmente incorrerá em erros grosseiros na avaliação daquelas garatujas e rabiscos aparentemente inúteis.” (DERDYK, 2012, p. 21).

Nos materiais que os professores utilizam como suporte estão intrínsecas propostas de experiências ricas. Porém estas mesmas ferramentas se opõem a formas padronizadas por meio das quais as artes são trabalhadas em muitas instituições, onde as experiências podem se ver limitadas às exigências de repetitivas habilidades manuais, em que não se dá importância ou acesso à cognição criativa, como por exemplo, no uso de desenhos impressos para serem coloridos. Outra constante é a repetição das mesmas técnicas e materiais entre outros equívocos cometidos pelos docentes, esses comportamentos sufocam a experiência da imaginação criadora.

Infelizmente, em muitas instituições de ensino, as Artes Visuais funcionam como um atrativo, é considerada como uma disciplina que serve para relaxar, e os trabalhos manuais são realizados por ocasião de festas escolares, cívicas e religiosas onde sua finalidade é a ilustração dos grandes acontecimentos.

Acontece com muita frequência de os professores da pré-escola ansiosamente descarregarem técnicas para a criança aprender a desenhar, inibindo o processo de criação e a exploração do uso dos materiais.

Diante desse cenário, Barbieri ressalta que:

Para que tomemos consciência do que vivemos, é fundamental observar e questionar o mundo à nossa volta, de forma a ensinar a cada criança o papel de pesquisador frente ao que se apresenta em seu caminho – como as nuvens, as labaredas de uma fogueira, a areia, a terra, a água e outros tantos elementos e ideias. Para isso é necessário que o educador seja pesquisador e criador, que indague sobre o mundo e os assuntos estudados – antes e com as crianças – e com elas vá fazendo perguntas, investigações e descobertas – ouvindo-as, observando-as, traduzindo seus olhares e sons e ampliando suas questões. (BARBIERI, 2012, p.19)

Quando há compromisso e envolvimento o aprendizado flui, flui para uma identidade interna em desenvolvimento, seja a sua própria ou a dos outros, para um sentido de lugar no mundo social. A educação é transacional e performativa para professores e alunos, pois é apenas através dessas transações e performances que nós criamos o nosso senso subjetivo de sentido de vida compartilhado. Quando Filio descreve ensinar e aprender como formas de performance ele se refere não apenas à arte da performance mas também à troca produtiva entre professores e aprendizes que, em sua melhor forma, é tão interativa, surpreendente e desafiadora quanto as trocas entre os artistas da performance e suas audiências. (HANNAH HIGGINS, 2002)

Segundo Salles e Faria (2012, p.150) cabe ao professor investir na sua própria formação cultural, ampliando suas experiências estéticas e seu repertório visual, por meio da pesquisa e da busca de espaços artísticos e culturais da sua comunidade e da sua cidade. A vivência prática ocupa um papel fundamental e inegável, sendo fato vivido, o educador mantém um grau de verdade naquilo que acredita como processo, assim entende melhor as crianças.

Sob tal perspectiva, há de se considerar também outra falha cometida nas avaliações realizadas pelos docentes. É costumeiro enaltecer o trabalho de alguma criança perante o trabalho de outra. Dessa forma o professor define

um modelo de perfeição a partir de suas ideias, desrespeitando e desvalorizando a produção dos discentes.

Fátima Salles e Vitória Faria dizem que “é importante valorizar as crianças, garantido sua autoria nas produções e favorecendo que se estabeleça uma relação de autoconfiança diante à sua produção, e manifestem atitudes de respeito quanto à criação dos outros.” Portanto, se faz necessário estar atento ao desenvolvimento da sensibilidade, da capacidade de observação, da criatividade e do senso crítico das crianças em relação a essa linguagem, oportunizando o conhecimento das Artes Visuais, e suas diferentes manifestações e de se expressarem por meio de cada uma de suas modalidades. (SALLES; FARIA, 2012, p.151).

A criança tem estímulos artísticos vindos de várias áreas: da mídia, da arte produzida na comunidade, da arte vinda das ruas, dos grafites nos muros. Essas expressões fazem parte do mundo que a cerca, devendo ser estimulada e desenvolvida a partir do seu interesse. “É importante garantir o acesso a livros, imagens, filmes, fotografias, cenários naturais, museus, parques, galerias de arte, ampliando sua possibilidade de experiências estéticas.” (SALLES; FARIA, 2012, p.151).

Seguindo esse raciocínio, a tarefa maior do professor é ampliar as possibilidades de pesquisa, valorizando suas experimentações, desafiando a criança com projetos a partir da observação atenta e sensível de sua própria ação. (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 1998, p.102). Tornando-se um guia, auxiliando os alunos a encontrar informação e a determinar como ela pode ser adaptar às suas necessidades particulares, e possibilitando-os a verem as Artes Visuais como uma linguagem que contém um pensar, um fazer, um criar, um conhecer, e um expressar.

Salles e Faria (2012, p. 151) ainda atentam que “o professor deve disponibilizar suportes, materiais, instrumentos e técnicas variadas, adequando-os à faixa etária, interesse e segurança das crianças.” Desse modo, o docente cumpre seu papel mediador de forma eficiente, com clareza quanto aos seus objetivos, favorecendo a vivência de experiências

significativas de linguagem visual às crianças. Além disso, ele pode lhes possibilitar a apropriação de vários saberes e conhecimentos que englobam desenho, pintura, bordado, instalação, ponto, linha, espaço, cor, forma, textura, volume, luz, movimento, obras de arte e seus autores.

Cada criança é um universo potente de expressão, elas não têm nenhum tipo de bloqueio nem estão presas a padrões, não estão preocupadas com a opinião dos outros nem têm medo de perguntar, e muito menos de errar, são extremamente curiosas, adoram novidades e se divertem resolvendo problemas, e isso oferece alguns pontos de partida para o professor criar ações poéticas e momentos de interação que possam ampliar as ideias e a imaginação das mesmas, as encorajando a fazer perguntas, projetos e a buscar sua realização. Fátima Salles e Vitória Faria (2012, p.150) salientam que é fundamental que os docentes incentivem as crianças a olhar com atenção as formas, cores e texturas do mundo ao seu entorno, contribuindo para o desenvolvimento de sua sensibilidade estética. As autoras ainda acrescentam que o professor deve possibilitar, com frequência e regularidade, experiências de apreciação estética aos discentes, ansiando que ampliem seu repertório visual, garantindo e organizando com as crianças espaços aconchegantes, instigantes e propícios ao trabalho artístico.

Ainda para Salles e Faria (2012, p.145) as Artes Visuais na educação infantil devem “contemplar todos os aspectos nele envolvidos, sendo fundamental trabalhar tanto com o “fazer artístico”, quanto com a “apreciação estética” e com a “reflexão e apropriação de conhecimento””. As autoras também acrescentam que “para que esse trabalho seja realizado de modo intencional e consistente, é essencial que os professores tenham clareza de que, por meio da linguagem visual, as crianças representarão tanto o mundo infantil, quanto o mundo adulto, buscando organizar-se internamente. A forma como vão utilizá-la vai depender de suas experiências de vida e de suas possibilidades cognitivas, afetivas e motoras.” (SALLES; FARIA, 2012, p.145)

Ao analisar um trabalho realizado pelo discente é importante que o professor foque a sua atenção nas narrativas visuais, isto é, no processo de produção de alguma modalidade de artes visuais. Assim, por meio de uma dinâmica própria, a criança vai retratando uma história que é fruto de suas vivências socioculturais, associadas ao seu repertório visual e às suas experiências estéticas, em diálogo permanente com sua imaginação.

Cada criança é única, logo, suas narrativas necessariamente são diferentes. Desse modo ao examinar as crianças em contato com materiais artísticos, deve ser detectado como ela se sente estimulada. Ela brinca, canta, cria situações, conversa sozinha, desenvolvendo sua oralidade e imaginação, indicando também estratégias, fazendo experimentações, utiliza agrupamentos, repetições e combinações. Em consequência disso, desenvolve um pensamento artístico que proporciona a ampliação de sua sensibilidade, criatividade, percepção, reflexão, flexibilidade, originalidade, experiência estética, senso crítico, imaginação e compreensão de mundo. Conforme Salles e Faria:

[...] o docente deve acompanhar e avaliar o processo de desenvolvimento dos discentes em relação a essa linguagem artística, estando atento às suas narrativas visuais e auxiliando-as a avaliarem suas próprias produções, no sentido de avançarem em seus processos de representação (SALLES; FARIA, 2012, p.151).

O ensino de Artes visuais na educação infantil ajuda cada criança a descobrir como é seu mundo de invenções, criando acesso a novos conhecimentos, e conseqüentemente aprendendo a imaginar e produzir. A forma como a criança vai se expressar, apreciar e compartilhar significados por meio da linguagem visual vai depender de suas experiências de vida.

Deste modo, o conhecimento dos signos, símbolos, suportes, materiais, instrumentos e procedimentos próprios dessa linguagem e, principalmente do repertório que ela foi construindo a partir de seu acesso ao acervo artístico, histórico e cultural em artes e experiências estéticas que lhe foram proporcionadas. Isso significa que quanto mais oportunidades as crianças tiverem de apreciar obras de arte, observar seus ângulos, dialogar com elas, mais cores e imagens irão compor seu repertório artístico e mais



elementos ela terá em sua memória para resgatar e comparar, fazendo sua apreciação estética.

### 3. A experiência segundo Jorge Larrosa Bondía

O Ser Humano vem vivenciando experimentações desde tempos remotos, como a sua interação com o meio que vive e com seu próprio eu, iniciando pela descoberta dos sentidos. Segundo o dicionário Michaelis a palavra experiência vem do Latim *experientia*, sendo conceituada como conhecimento adquirido graças aos dados fornecidos pela própria vida, e definida também como conhecimento das coisas pela prática ou observação. A partir desses termos acredita-se que a experiência possibilita adquirir novos conhecimentos e saberes, participando do procedimento de formação do Homem, devendo cultivá-la e utilizá-la conscientemente, a fim de levá-la na condução de sua existência.

O presente capítulo traz referências de um estudo realizado pelo pedagogo Jorge Larrosa Bondía acerca do tema ‘experiência’, publicadas no artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. Doutor em pedagogia, Larrosa percorre o assunto dando a sua definição do termo experiência, descreve sua ótica sobre os empecilhos de vivenciá-la e sua visão sobre o sujeito da experiência afirmando que:

Experiência é a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, e isso requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos em que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA 2002 p.24).

O autor ainda define o termo experiência como “aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma” (2002, p. 25-26). Segundo o pedagogo somente o sujeito da experiência está aberto à própria transformação.

Bondía lista vários fatores que impendem à experiência. Segundo o autor o sujeito se encontra imerso em um mar de informação, abundância de opinião, carência de tempo e acúmulo de trabalho. Dessa forma ele se torna vulnerável e expõe ao risco a construção do seu saber.

Segundo o autor, inicialmente uma informação não é experiência. “A informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência.” (BONDÍA, 2002, p. 21). A atual evidência acerca da informação, e de sempre estarmos informados, tangentes à construção de sujeitos informados e informantes, não faz outra coisa além de anular as possibilidades de experiências. Bondía (2002, p. 22) diz que é necessário separar a experiência da informação. Na busca por novas informações o sujeito cada vez está mais bem informado, contudo, essa obstinação pela informação referente ao sentido de estar informado de encontro à sabedoria, termina em nada lhe ocorrendo.

Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 22) considera que o excesso de opinião acarreta em experiências mais raras. Segundo o autor o sujeito moderno é um sujeito informado, ademais, opina.

É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa sobre tudo aquilo de que tem informação. Para nós, a opinião, como a informação, converteu-se em um imperativo. Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados. E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresente, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial. E pensa que tem de ter uma opinião. Depois da informação, vem a opinião. No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça. (BONDIA, 2002, p. 22)

O pedagogo salienta que a experiência é cada vez mais rara pela falta de tempo. O sujeito moderno não apenas está informado e opinante, ele sempre consome assiduamente notícias, novidades, nunca estando satisfeito. Como afirma Bondía (2002, p. 23) tudo que se passa, passa excessivamente depressa, cada vez mais depressa. Assim sendo “o acontecimento é repassado em forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada” (BONDÍA, 2002, p. 23). O autor ainda comenta sobre a rapidez que os dados nos são transmitidos e que a fixação pela novidade, pelo novo, característica do mundo moderno, impedem a memória, uma vez que cada acontecimento é substituído por outro que também aguça por um instante,

mas sem deixar qualquer resquício. Dessa forma a velocidade e o que ela produz, a falha de memória e falta de silêncio, são também inimigas da experiência.

Por fim Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 23) acredita que a experiência é cada dia mais rara pelo excesso de trabalho. O autor destaca que experiência se difere de trabalho, apontando que é lugar-comum que os saberes são provindos dos livros e palavras, e no trabalho se conquista a experiência, o saber advindo da prática. Ao confeccionar um currículo, difere-se o título de formação acadêmica ao de experiência de trabalho. Nas palavras do pedagogo:

Tenho ouvido falar de certa tendência aparentemente progressista no campo educacional que, depois de criticar o modo como nossa sociedade privilegia as aprendizagens acadêmicas, pretende implantar e homologar formas de contagem de créditos para a experiência e para o saber de experiência adquirido no trabalho. Por isso estou muito interessado em distinguir entre experiência e trabalho e, além disso, em criticar qualquer contagem de créditos para a experiência, qualquer conversão da experiência em créditos, em mercadoria, em valor de troca. Minha tese não é somente porque a experiência não tem nada a ver com o trabalho, mas, ainda mais fortemente, que o trabalho, essa modalidade de relação com as pessoas, com as palavras e com as coisas que chamamos trabalho, é também inimiga mortal da experiência. (BONDIA, 2002, p. 24)

Ao discorrer sobre o sujeito da experiência, Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 24) coloca que “o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os conhecimentos.” Para Bondía o sujeito da experiência se define não por sua atividade mas devido a sua passividade, receptividade, por sua disponibilidade e por sua abertura. (2002, p. 24). O autor considera que:

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. (BONDIA, 2002, p. 25)

Larrosa completa salientando que “É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe

sucedem, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre.” (BONDÍA, 2002, p. 25).

Sobre a palavra experiência Bondía (2002, p. 25) a relaciona com “a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “ex-iste” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente.”

Discorrendo sobre o saber da experiência Bondía pensa que “o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece.” (BONDÍA, 2002, p. 27). Segundo o autor no saber da experiência não aborda a verdade do que são as coisas, mas sim do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. (BONDÍA, 2002, p. 27) Para o autor:

O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida [...] Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria. (BONDÍA, 2002, p. 23).

Durante nossa existência estamos sempre buscando descobrir, informar, estudar e pesquisar. Diante das colocações apresentadas por Larrosa, evidencia-se que a experiência possui alto valor desde nossa infância fazendo parte da construção do nosso saber. Como pressuposto por Larrosa, vivenciamos uma época onde somos, conscientemente ou não, inundados de informações acerca de diversos assuntos. Somos diariamente cobrados de além de estarmos informados, precisamos ser opinantes no que se refere aos temas, tudo isso de forma veloz. Como já citado, segundo o autor, o excesso de informação, opinião, trabalho e a falta de tempo são agentes inimigos da experiência. O sujeito é sobrevivente por meio do conhecimento adquirido pela experiência, outros por sua ausência estão susceptíveis a enfrentarem dificuldades, as quais poderiam ser evitadas se a houvesse. O Homem agrega experiência em maior parte por sua necessidade e desejo de atingir uma meta, onde ao

longo de sua existência o saber da experiência é conquistado entre o conhecimento e a vivência singular.

### **3.1 Experiência no Cemei Marisa Galuppo**

O ensino de Artes Visuais é uma forma de expressão e comunicação humana, é importante na educação infantil pois é uma das fontes de expressão das crianças que ainda não dominam a escrita, possibilitando-as a comunicar ideias e atribuir sentido ao mundo, às sensações, e aos pensamentos. É papel do professor dar oportunidade para as elas viverem essas experiências transformadoras, conhecendo, sentindo e interagindo com o ambiente ao seu redor com suas cores, nuances e texturas. A partir dessas pesquisas que foi desenvolvido o projeto: “Experienciando com a natureza”.

O Centro Municipal de Educação Infantil - CEMEI “Marisa Galuppo”, localizado na Rua Maria da Conceição Barcelos Almeida, 185, bairro Bouganville I, Sete Lagoas, Minas Gerais, que atualmente funciona como creche e pré-escola com clientela do bairro onde se localiza, foi o ambiente de desenvolvimento do projeto “Experienciando com a Natureza”, aplicado para o maternal II B onde há 18 crianças entre 2 e 3 anos de idade

O projeto parte do pressuposto de Anna Marie Holm, considerando que:

Os pequenos nos convidam a experimentar. Eles têm arte dentro de si. Eles criam arte. Eles nos dizem algo. Algo que perdemos. Algo atraente e sedutor. Algo que reconhecemos. E não podemos explicar. Tudo é muito maior. Para as crianças pequenas existe uma conexão direta entre vida e obra. Essas coisas são inseparáveis. (HOLM, 2007, p.3)

O projeto “Experienciando com a Natureza”, foi inspirado no artista britânico Andy Goldsworthy, que colabora com a natureza para fazer suas criações, ele cria suas obras em paisagens naturais com elementos naturais para a realização de obras esculturais de simplicidade enganosa, muitas vezes alcançando proezas incríveis de equilíbrio e tempo no seu processo. Seu objetivo é entender a natureza, participando dela diretamente e o mais intimamente que pode durante o processo de suas criações, geralmente trabalha com o que vem às mãos espontaneamente:

galhos, folhas, pedras, neve, gelo, junco, espinhos, etc., assim pensando em um trabalho paralelo foi proposto atividades que utilizasse materiais da natureza e encontrados na própria escola, o principal objetivo do projeto “Experienciando com a Natureza” é trabalhar as Artes Visuais e proporcionar às crianças experiências primárias como formas, cores, texturas e temperaturas, a partir de materiais simples e de fácil acesso e com isso englobar também outras disciplinas como o movimento, a matemática, e a linguagem oral que fazem parte do currículo da educação infantil.

A atividade inicial consistia em fazer um carimbo com as mãos utilizando tinta feita a base de terra e água. O CEMEI – Marisa Galuppo possui um amplo espaço verde onde foi realizado grande parte do projeto, incluindo essa etapa, e também a coleta dos materiais utilizados nas atividades. Esse exercício possibilitou as crianças fazerem a mistura e observarem a transformação da terra em tinta. Notando também a temperatura e a textura que ficou ao tocar e espalhar nas mãos, atentos a mágica em ver suas mãos carimbadas no papel.

Figura 1 - Colocando a tinta feita de terra na mão da criança



Fonte: A autora.

Figura 2 - Criança sentindo a textura e a temperatura da tinta



Fonte: A autora.

Figura 3 - Criança carimbando folha com as mãos



Fonte: A autora.

Aproveitando a mesma tinta feita de terra, foi proposto em outro momento trabalhar com o ar, fazer pintura com o sopro, foi espalhado um pouco da tinta de terra em uma folha branca onde eles assopravam com um canudinho e formava diversas imagens, assim puderam perceber que podemos usar o mesmo material para fazermos diversas atividades.



Figura 4 - Crianças fazendo pinturas com sopro



Fonte: A autora.

Figura 5 - Criança fazendo pintura com sopro



Fonte: A autora.

Na sequência aconteceu uma atividade idealizada pelas próprias crianças enquanto recreavam na área verde. Os discentes coletavam torrões de terra localizados nas adjacências das espécies recém-plantadas, e com os

mesmos começaram a desenhar no muro da escola. A partir dessa situação foi simulada uma tela feita com papelão e folha branca A4, que oportunizava às crianças a desenharem de uma forma que posteriormente facilitasse a observação das cores, do desenho e da terra.

Figura 6 - Criança desenhando no muro com torrão de terra



Fonte: A autora.

Figura 7 - Crianças observando montagem do material para desenhar



Fonte: A autora.

Figura 8 - Criança desenhando com torrão de terra



Fonte: A autora.

Ainda na área verde, foi solicitado as crianças que coletassem elementos naturais presentes naquele ambiente. Entre eles foram colhidos gravetos, folhas, pedras e cascas de tronco. A atividade consistiu em utilizar os elementos coletados para serem modelados em argila, sendo uma maneira de apreciar as formas e profundidades de cada item da natureza encontrado.



Figura 9 - Crianças coletando elementos da natureza



Fonte: A autora.

Figura 10 – Crianças fazendo modelagem com argila e elementos coletados



Fonte: A autora.

Figura 11 – Criança modelando com argila



Fonte: A autora.

Figura 12 – Criança modelando com argila e galho



Fonte: A autora.

Trabalhando o elemento água, a atividade consistiu em desenhar com esguichos no chão. Foi o momento de maior diversão e prazer para as crianças, onde aproveitaram o momento para brincar jogando um pouco de água entre elas. Após um tempo da realização do exercício, as crianças retornaram ao local admiradas pelo sumiço dos desenhos, oportunizando trabalhar sobre o sol e sua importância.

Figura 13 - Criança desenhado em sua volta com jatos d'água



Fonte: A autora.



Figura 14 - Crianças desenhando com jatos d'água.



Fonte: A autora.

Por fim encerrando as experiências do projeto, as crianças fizeram colagens com folhas de plantas. Foi solicitado que as mesmas coletassem folhas caídas no espaço verde escolar. A partir disso foi realizada uma triagem do material apto para execução da atividade, selecionando folhas de diversas plantas e variados tamanhos, assim a crianças escolheram quais modelos desejavam para montar sua colagem.

Figura 15 - Crianças montando sua colagem



Fonte: A autora.

Figura 16 - Criança passando cola em folha



Fonte: A autora.

Figura 17 - Crianças fazendo colagem com folhas



Fonte: A autora.

Finalmente, na volta das atividades externas para a sala de aula foi encontrado um besouro muito grande que chamou muito a atenção dos alunos. Em tal situação não planejada foi colocada um pouco de tinta guache em uma folha de papel, na qual o besouro começou a caminhar e naturalmente criando traços coloridos a partir do seu rastro. Essa



experiência despertou olhares surpresos e frases diversas como “Quem o ensinou desenhar?”, “Ele é muito grande.”, “Ele morde?”

Holm sugere esse tipo de atividade e ressalta: “É exatamente a esse amplo aspecto de criatividade que os adultos precisam estar atentos. Todo tempo precisamos estar preparados para o desconhecido, para as situações surpresa. Nelas reside a energia, os valores artísticos. Arte não é criada, necessariamente num estúdio.” (HOLM, 2005, p. 158)

Figura 18 - Crianças observando besouro fazendo marcas em folha



Fonte: A autora.

Figura 19 - Besouro e seu rastro de tinta.



Fonte: A autora

Figura 20 - Besouro deixando suas marcas em folha.



Fonte: A autora

Figura 21 - Exposição das experiências



Fonte: A autora

As experiências com a natureza e seus elementos foram muito significativas para a pesquisa de campo e para a aquisição de experiências primárias para crianças, finalizamos o trabalho com a exposição e a apreciação dos trabalhos, contemplando a abordagem triangular do fazer, apreciar e refletir, que é fundamental para a contextualização do ensino das Artes Visuais na educação infantil.

## **Considerações Finais**

Sob o olhar de Edith Derdyk, que afirma que o desenho é uma forma de expressão das crianças, e de Ana Marie Holm que enfatiza que devemos despertar a criatividade delas, o projeto “Experienciando com a Natureza” possibilitou a realização de uma série de atividades que confirmou o ponto de vista defendido pelas autoras.

Ao decorrer do trabalho foi possível observar que não há maiores dificuldades em trabalhar o ensino de Artes Visuais na educação infantil. Evidenciou-se que o campo merece e deve ser melhor explorado, pois oportuniza as crianças a aprenderem com ludicidade, em uma fase na qual tudo ainda é novidade.

Com base nos fatos notados durante a pesquisa em que, desde o dia de sol quente a um besouro encontrado por acaso podem ser utilizados como instrumentos no ensino; além da Educação Infantil ser uma etapa em que as crianças anseiam e buscam por conhecimentos, procuram vivenciar experiências e anseiam em conhecer coisas novas a todo instante, pode-se afirmar que as Artes Visuais são plenamente capazes de proporcionar as vivências propostas pelas autoras de forma eficaz.

Com a conclusão da pesquisa notou-se possível realizar um trabalho rico em experiências, sem elevados custos financeiros. No desenvolvimento das atividades foram utilizados materiais simples e encontrados com facilidade no cotidiano das crianças. Cada um desses elementos pode ser explorado por sua cor, forma, textura, temperatura, aguçando assim todos os sentidos das crianças e proporcionando um ciclo de desenvolvimento iniciando pela experiência primária.

Mesmo com o término do cronograma de atividades propostas para a execução do projeto “Experienciando com a Natureza”, o seu objetivo e metodologia continuam em andamento na programação cotidiana da escola. Ao seu fim, com a afirmativa de um resultado proveitoso, tanto referente ao desenvolvimento do público-alvo quanto para o enriquecimento pessoal e profissional de seus executores, justificou-se a

adoção e continuidade das atividades, visando sempre aperfeiçoá-las buscando proporcionar diferentes experiências aos discentes ansiando que os mesmo desfrutem de novas experimentações.

## REFERÊNCIAS

Andy Goldsworthy - Disponível em:  
<<http://jardimdesiguta.blogspot.com.br/2013/07/land-art-dgoldsworthy.html>>  
- Acesso em 23 de novembro de 2015.

BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. *Referencial curricular nacional para educação infantil*. Brasília: MEC, 1998. v. 3.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais – Temas transversais*. Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 1996.

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2010.

HOLM, Anna Marie. *Fazer e pensar arte*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo: Moderna, 2005.

HOLM, Anna Marie. *Baby-Art – Os primeiros passos com a arte*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo: Moderna, 2007.

HOLM, Anna Marie. Entrevista disponível em  
<<http://bebe.abril.com.br/materia/entrevista-anna-marie-holm#>> Acesso em 20 de junho de 2015.

HANNAH HIGGINS. *Fluxus Experience*. University of California Press, 2002.

JUNIOR, Garcia. *Apostila de Arte – Artes Visuais*. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007.

LEITURAS, S. M. E. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. 2006.

SALLES, F. FARIA, V. *Currículo da Educação Infantil: Diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2012 p. 145-151

SESC/MG, *Fórum Técnico de Educação: Encaminhamentos*. Belo Horizonte: SESC/MG, 2011

**ANEXOS****AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS**

Eu \_\_\_\_\_,  
responsável pelo aluno(a) \_\_\_\_\_,  
da turma MATERNAL II B.

**Autorizo** que fotos e filmagens que incluam meu/minha filho (a) sejam feitas e utilizadas.

**Não autorizo** que fotos e filmagens que incluam meu/minha filho (a) sejam feitas e utilizadas.

A) pela equipe da escola para fins pedagógicos;

B) para fins de divulgação do trabalho da escola (informativos, encartes, folders, jornais internos e/ou semelhantes).

c) para o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) da Professora Flávia Aparecida Abreu de Paula Melo

Estou ciente de que as imagens serão usadas apenas para fins pedagógicos e não comerciais, resguardadas as limitações legais e jurídicas.

---

Assinatura do responsável

Sete Lagoas, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.